

Pedagogia da Tolerância

Por Thyeles Borcarte Strelhow*

Resumo:

O livro *Pedagogia da Tolerância* é uma coletânea de reflexões e diálogos de Paulo Freire, organizado por Ana Maria Araújo Freire. A obra deve ser exaltada por seu conteúdo que procura transparecer toda a humanidade e a esperança de Freire por um mundo mais justo e igual. Para leitores que prezam uma leitura com conteúdo inteligente e para os admiradores de Freire, este livro possui entrevistas e palestras com idéias que nos fazem maravilhar-nos por sua genialidade. No entanto, há textos que infelizmente não foram encerrados e que, com certeza, se tivessem sido concluídos, renderiam ainda mais frutos vistosos. Com isso, é uma grande satisfação expor o pensamento crítico desta importante obra para a construção epistemológica de idéias de paz e tolerância.

Palavras-chave:

Tolerância, Convivência, Diversidade, Educação, Teoria-Prática

1. A Estruturação

O livro *Pedagogia da Tolerância* está estruturado em prefácio, apresentação e oito capítulos. Os capítulos possuem palestras, entrevistas e depoimentos. No prefácio redigido por Lisete R. G. Arelaro já temos uma visão geral do assunto que perpassará toda a obra. Lisete procura estabelecer brevíssimas palavras sobre o conceito da tolerância, da coerência entre discurso e prática, do método dialógico e do agir político do educador e da educadora¹. A apresentação, escrita por Ana Maria Araújo Freire, procura esclarecer qual foi a motivação para reunir determinados textos e entrevistas nesse livro. Para ela, esta obra é mais que uma divulgação de uma

* Graduando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS, graduando em Pedagogia - Séries Iniciais e Ensino Fundamental, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre, RS. É bolsista da FAPERGS com o tema: "A Tolerância - a busca de uma fundamentação teológica para uma hermenêutica do dialogo e para uma ética da convivência", sob a orientação do prof. Dr. Valério Guilherme Schaper, da EST/RS.

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: UNESP, 2005. p. 11-12.

nova obra de Paulo Freire, ela é um momento propício para ampliar e proporcionar o diálogo defendido por Freire durante toda sua vida. Frente aos acontecimentos de “11 de setembro” e a grande retaliação do governo G. W. Bush, não houve uma busca por alternativas que não fosse a guerra. Por isso, tratar de um assunto como a tolerância se torna enormemente plausível.

O primeiro capítulo do livro *Pedagogia da Tolerância* está relacionado ao tema da colonização e à educação indígena. Dividido em três partes, o capítulo procura esclarecer a sua posição quanto à alfabetização dos povos indígenas e quanto a cruel tomada das terras pela invasão dos colonizadores. Uma das primeiras coisas que ele reflete é a invasão do dominador à cultura do dominado, sendo essa a primeira forma de exploração. Nesta sobreposição da cultura, o dominador faz com que o dominado tenha apenas um mínimo de conhecimento para servi-lo, como aconteceu na colonização e como acontece nos dias atuais com a branquitude². A educação não deve estar aliada apenas à ideologia do dominador, mas necessita estar em conexão com o processo de construção do conhecimento. A educação deve estar cheia de significações do mundo no qual é realizada, para que o conhecimento seja construído. Por isso, a linguagem tem um papel fundamental: o dever de estar conectada com o contexto do educando e da educanda. A educação deve se dar no âmbito da dialogicidade com a compreensão epistemológica, valorizando o conhecimento do educando e da educanda³.

O assunto principal do segundo capítulo é a experiência de Freire no continente africano, onde se destaca principalmente o papel fundamental de Amílcar Cabral na revolução de independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Freire possuía uma estima muito grande a Amílcar. O desejo dele era ter feito um estudo mais profundo sobre esse homem, o qual ele denominou de *Pedagogo da Revolução*⁴. O que

² FREIRE, 2005. p. 27.

³ FREIRE, 2005. p. 23-89.

⁴ FREIRE, 2005. p. 95.

fascinava Freire era como Amílcar, em pleno vigor da revolução, conseguia raciocinar sobre o futuro e se portar como líder, sem ser autoritário, exercendo a mais pura democracia⁵. Amílcar Cabral também conseguiu lidar muito bem com a construção do conhecimento, do senso comum para o conhecimento científico. Respeitava o conhecimento de seus “camaradas”, mas junto com eles trilhava a construção do conhecimento científico, com humanidade, amor e respeito⁶. No entanto, Freire não deixou de ser crítico quanto a um deslize de Amílcar com relação à linguagem. Amílcar afirmou que: “o maior presente que os ‘tugas’ deixaram foi a língua”⁷. Isso é um deslize muito grande, pois a linguagem é um dos maiores e mais eficientes instrumentos de dominação. Mas Amílcar estava perdoado, pois esse erro não apaga o extraordinário homem que foi Amílcar⁸.

No terceiro capítulo, encontramos palavras de Freire em relação à educação e à cidadania. Freire afirma que o exercício da cidadania não é algo mágico. Ao pronunciarmos a palavra cidadania não significa que somos cidadãos. O exercício da cidadania é expressamente um ato político. O educador e a educadora devem ter consciência de que sua ação como alfabetizador e alfabetizadora é uma ação política que deve estar comprometida com a produção da cidadania. Assim, é dever da educadora e do educador o comprometimento com a formação da cidadania⁹.

O quarto capítulo está postulado sob o tema da relação entre ensino e aprendizagem, que é um assunto muito trabalhado na pedagogia de Freire. O tema ensino/aprendizagem foi trabalhado, de forma mais profunda, no livro *Pedagogia do Oprimido*. No entanto, nesse capítulo, Freire faz um apanhado geral destacando três aspectos que geram a dicotomia entre ensino e aprendizagem. A primeira dicotomia que Freire ressalta é a maneira mecanicista de pensar o aprender e o

⁵ FREIRE, 2005. p. 99-100.

⁶ FREIRE, 2005. p. 102.

⁷ FREIRE, 2005. p. 111.

⁸ FREIRE, 2005. p. 111-112.

⁹ FREIRE, 2005. p. 127-128.

ensinar. Essa idéia está muito presente no contexto latino-americano. A relação entre aprender e ensinar é dialética, quer dizer, ensinar não é uma mera transferência de dados que Freire chama de *educação bancária*. A segunda dicotomia que Freire ressalta é a separação entre aprender e ensinar. Ensinar e aprender se constituem numa relação que produz conhecimento e não como uma fórmula matemática, separando teoria e prática. Quem aprende também ensina e quem ensina aprende ensinar. A terceira dicotomia que Freire ressalta é a separação entre ensinar os conhecimentos existentes e produzir novos conhecimentos. Não há como ensinar sem investigar. A investigação é parte corrente do ato de ensinar, logo, se há investigação há a produção de novos conhecimentos. Desse modo, como o conhecimento não é algo absoluto, o ato de ensinar é uma constante produção de conhecimento¹⁰.

O quinto capítulo do livro *Pedagogia da Tolerância* é uma coleção de discursos e diálogos que tratam essencialmente da ilimitada esperança de Freire. Ele era uma pessoa profundamente humana, respeitosa e sonhadora. Ele defendia uma escola onde há cumplicidade do educador e da educadora com a educanda e o educando. Nessa relação entre educadores e educadoras com educandos e educandas, a cumplicidade é um ato de comunhão, quer dizer, o educador e a educadora vivem uma relação ativa de participação com o educando e a educanda, sendo tão sujeitos quanto os educandos e as educandas na construção do conhecimento. Sendo assim, as educadoras e os educadores são cúmplices dos educandos e das educandas na construção do conhecimento. É importante ressaltar que a cumplicidade entre os indivíduos não nivela a diferença de papéis de ambos. O que acontece então é que a autoridade do educador e da educadora é respeitosa e democrática. A autoridade é saber até que ponto há a liberdade do aluno e da aluna, que ainda não sabe o saber sabido, e até onde há a autoridade da professora e do

¹⁰ FREIRE, 2005. p. 136-137.

professor, que sabe o saber sabido. A cumplicidade de ambos faz com que os dois continuem crescendo¹¹.

No sexto capítulo encontramos cartas da época do exílio escritas por Freire para amigos, amigas, companheiros e companheiras de caminhada que ainda viviam no Brasil. Pelo conteúdo desse capítulo, podemos perceber que Freire era uma pessoa muito lembrada, pois recebia inúmeras cartas e sempre que possível as respondia. No geral, as cartas possuem um conteúdo formal e informal. São informações de como era a vida no exílio, lembranças de momentos bons pelos quais passaram, informações de novas tarefas e novos desafios. Também existem cartas em que Freire dá uma prévia dos assuntos que ele escrevia em alguns livros que posteriormente foram lançados. Essas cartas mostram o compromisso de Freire com as pessoas que o queriam bem e seu compromisso como sujeito da história, pois ele não ficou fechado em seu casulo, mas continuou sendo coerente com sua teoria, agindo no contexto no qual estava inserido.

O penúltimo e o último capítulo do livro *Pedagogia da Tolerância* possuem testemunhos de Freire que retratam a sua biografia. Ali está exposta a maneira como Freire interpretou sua vida, como Paulo interpretou Freire. Há relatos sobre a sua infância humilde e de todo o estudo epistemológico que ele desenvolveu ao longo de sua vida como agente da história. Nesses capítulos encontramos também um homem de sonhos e de esperança que foi Paulo Freire, sempre empenhado em buscar um mundo mais justo e mais humano, não apenas por demagogia, mas lutando, sendo teimoso e persistente em busca da realização desse sonho¹².

¹¹ FREIRE, 2005. p. 184.

¹² FREIRE, 2005. p. 251.

2. O Conceito da Tolerância

O livro procura esclarecer, em suas primeiras páginas, o que Paulo Freire pensava e entendia por tolerância. Freire denomina a tolerância da seguinte maneira: “falo da tolerância como *virtude da convivência humana*. Falo, por isso mesmo, da qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior”¹³. Com essa afirmação está dada a toada que servirá de linha mestra para todo o livro. A concepção de convivência com o diferente e aceitação de tal está implícita como característica das idéias de Paulo Freire, sempre mesclada com a educação e a dialogicidade. Este é um ponto que temos que destacar, a compreensão de tolerância de Paulo Freire está fundada num âmbito prático-epistemológico, com o entendimento do termo e seu emprego, prezando sempre a coerência entre a teoria e a prática.

O passo que Paulo Freire dá em direção a construção epistemológica para além do conhecimento do senso comum é louvável. Afirmar que a tolerância é uma virtude da convivência humana, não uma virtude do indivíduo, indo na direção da compreensão e do respeito, é romper com o paradigma da tolerância como virtude de superioridade. Quer dizer, a tolerância é um papel mútuo desenvolvido na relação de convivência entre indivíduos, baseado na relação humana. Logo, a pessoa que é tolerante não é tolerante porque é superior, mas é tolerante porque reconhece na outra pessoa alguém que possui uma posição diferente da dela.

Nesse sentido, a relação entre os educadores e as educadoras com os educandos e as educandas deve estar baseado no respeito e no amor. Assim, o educador e a educadora valorizarão todo e qualquer conhecimento apreendido pelo educando e pela educanda para juntos construírem o conhecimento. No entanto, essa relação não se dá de maneira mágica e celestial, porque a relação entre indivíduos é

¹³ FREIRE, 2005. p. 24.

repleta de *tensão*. Essa tensão é um elemento fundamental para o conhecimento. A tensão é criativa, porque desestabiliza posições que são colocadas como regras ou como “verdades” absolutas. A tensão estimula a curiosidade, questiona o poder e a opressão. Sendo assim, caminhamos num terreno de posições diferentes estimuladas pela diversidade. A diversidade nos faz refletir sobre posições absolutas que nos tornam intolerantes. Ela estimula a tensão criativa nos levando ao conhecimento do mundo.

No meu entender, a tolerância, nessa perspectiva, faria com que a tensão criativa da diversidade não se tornasse uma ignorância sectária. Portanto, a tolerância não deixaria a tensão pender para extremos como a resolução de problemas através de guerras e nem para a indiferença. Freire explica isso muito bem quando ele afirma que tolerar não é concordar com a outra pessoa que pensa diferente ou que age diferente, mas demanda respeito para com a pessoa diferente a tal ponto que possa aprender com ela¹⁴, como assinala:

A tolerância genuína, por outro lado, não exige de mim que concorde com aquele ou aquela a quem tolero ou também não me pede que a estime ou o estime. O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas idéias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente.¹⁵

Com isso, não podemos afirmar que ser tolerante é viver sem tensão. A tolerância não exime da convivência a curiosidade e a luta por direitos iguais e dias melhores. Respeitar as diferentes opiniões não é abster-se da luta e do diálogo e nem, muito menos, assumir uma postura de manutenção de posições exclusivistas e opressoras. Isto fica claro no livro *Pedagogia da Tolerância* onde encontramos a defesa de posições progressistas de pensar um mundo possível e justo para todas as pessoas. Esse aspecto deve ser ressaltado, os escritos e as palestras de Paulo Freire

¹⁴ FREIRE, 2005. p. 62.

¹⁵ FREIRE, 2005. p. 24.

estão repletos de humanidade e exalam uma profunda esperança por dias melhores. Para ele, o sonho e a ideologia são partes fundamentais do ser humano. Ele estava cada vez mais convencido de que o ser humano é parte da história, ele é a história. Não existe ninguém que seja *a-histórico*, logo, não há um determinismo das coisas. O ser humano é capaz de tomar a história sob seus braços e conduzi-la.

Isso atribui uma grande responsabilidade ao ser humano de cuidar do mundo e das pessoas que nele vivem. Ser o dono da história implica em compromisso do indivíduo em relação às suas atitudes. Nesse sentido, não devemos ser sectários¹⁶, como aconteceu na história, onde, por muitas vezes, grupos inteiros foram dizimados pela ignorância de não reconhecer o direito de ser diferente e de pensar diferente. A diversidade existe e que bom que existe, porque senão viveríamos em uma constante e maçante concordância com tudo. E como construiríamos a história sem os diferentes pensamentos e as diferentes ações. É importante lembrar que esse discurso foi utilizado para fundamentar práticas desumanizantes, onde líderes políticos, ao invés de buscarem medidas que satisfizessem as necessidades humanas, acabaram usando o poder para benefícios de pequenos grupos de pessoas. Dizer que o direito à diversidade me dá respaldo à exploração da outra pessoa é uma grande contradição. Não podemos ser democráticos, como defendemos, e ser intolerantes às diferentes concepções de mundo.

Aliás, a democracia deve ser um lugar onde todas as pessoas têm espaço para exercerem seus direitos e seus deveres. Um lugar onde os líderes falam *aos* e *às com* seus/suas liderados/lideradas, como fez Amílcar Cabral, e não *contra* seus/suas liderados/lideradas¹⁷. A democracia em sua essência é tolerante, porque ela permite que haja o questionamento sem a retaliação. Ela permite que possamos construir um

¹⁶ FREIRE, 2005. p. 208.

¹⁷ FREIRE, 2005. p. 99. Aqui Paulo Freire chama de *substantividade democrática* o ato de falar *com* e não *contra*.

mundo diferente e que lutemos por dias melhores. Permite também que possamos rever nossa ideologia e rever nossos sonhos para que estejamos indo ao encontro da humanidade e não à sua exploração. Com a democracia somos capazes de pensar um mundo igualitário, onde predomine o respeito. Não o respeito de: “você sabe com quem está falando”, mas o respeito do ser humano a todo e qualquer ser humano. O respeito baseado na tolerância como uma “qualidade de conviver com o diferente e não com o inferior”¹⁸.

No entanto, ser um sujeito *da* e *na* história não constitui apenas em querer. Para acontecer alguma mudança não basta apenas querer mudar, temos que arriscar também. Arriscar constitui medo e coragem. Precisamos ter coragem para arriscar a mudar, mas tendo coragem não deixamos de ter medo. A mudança constitui em querer mudar e arriscar. A vontade de mudar já é uma ação histórica que só surtirá efeito se tivermos a coragem de buscar a mudança. Porém, além de querer e arriscar a mudança tem que pensar. E pensando nos daremos conta da nossa responsabilidade diante da história, dos nossos limites, o que nos levará ao medo. Contudo, o medo é aliado da coragem, que é o medo educado. Portanto, a ação histórica não é algo inventado e feito de qualquer jeito, ela constitui querer mudar, que necessita ser arriscada, que é pensada, mostrando nossa responsabilidade histórica¹⁹.

Não podemos, então, pensar a tolerância e suas significações sem pensarmos a superação da discriminação, do racismo, do desnivelamento de direitos humanos, da preservação do meio ambiente e tantas outras coisas que nos impedem de termos uma vida digna. Porque, pensando assim, estaremos ainda definindo tolerância como uma ação da superioridade de pessoas brancas em relação às negras, de homens em relação às mulheres, de indivíduos ricos em relação aos indivíduos pobres, das pessoas que governam em relação às pessoas civis. Assim, não estaremos

¹⁸ FREIRE, 2005. p. 11.

¹⁹ FREIRE, 2005. p. 154.

sendo sujeitos da história, mas apenas marionetes com o destino traçado. Pregar a tolerância à diversidade é também lutar para que pessoas não continuem passando fome, sendo exploradas e espoliadas. Não podemos usar a tolerância para sacramentar a má distribuição da renda, o desrespeito à natureza, a exploração de tudo e de todos em prol do lucro. Usar o discurso da tolerância para isso é distorcer o conceito, pois já não temos mais a tolerância como uma virtude da convivência, e sim uma sangria das pessoas que nos rodeiam, no sentido de sugar a sua vida.

Desse modo, talvez nos perguntemos: mas até onde vai a nossa tolerância? Essa pergunta em si já é intolerante, primeiro, porque torna a tolerância um adjetivo, uma qualidade própria do indivíduo. Mas como vimos acima, a tolerância é parte da convivência humana, e não um dom adquirido. Em segundo lugar, é intolerante porque pressupõe que a intolerância seja necessária em determinadas situações ou em alguns casos. No entanto, a tolerância como virtude da convivência não é limitada e nem muito menos mesclada com a intolerância. O que acontece é que o ser humano reconhecido como finito e incompleto, como sujeito e objeto, com a e na história não consegue ser totalmente tolerante e nem totalmente intolerante, como diz Freire: “Ninguém é virtuosamente intolerante, como ninguém é viciosamente tolerante”²⁰. Nesse caso, a espoliação de pessoas, a discriminação, a violência não é um caso de tolerar ou não tolerar, mas é uma ação que infringe os direitos humanos, o direito à vida digna, à diferença, à paz.

3. A Tolerância diante do Discurso e a Prática

Após tratarmos de maneira sintetizada o conceito de tolerância abordado no livro *Pedagogia da Tolerância*, cabe nesse subtítulo refletirmos um pouco sobre um tema muito presente na pedagogia de Paulo Freire, a relação entre prática e teoria. Freire foi um grande defensor da coerência e da ética e foi fiel a isto. Uma das

²⁰ FREIRE, 2005. p. 24.

virtudes que temos que destacar de Freire é o seu comprometimento e sua ética diante do seu discurso e de sua prática. Não há como separarmos os dois termos. O ser humano por mais incompleto que seja, deverá ser completo com relação à prática e à teoria. Não há como fazermos um discurso lindo e maravilhoso, sem que isso seja empregado na prática. Para Paulo Freire, a pessoa que não consegue manter uma coerência entre prática e discurso acaba mostrando-se verdadeira em sua prática. Para ele “não é a teoria que valida a prática, mas a prática que dá vida ao discurso... quer dizer, é a minha prática que no fundo diz que meu discurso é válido, e não o meu discurso que vai iluminar a minha prática”²¹.

Essa afirmação nos estimula a pensar a relação do discurso e a prática de maneira seqüencial. Freire procura esclarecer que a prática é que fundamenta a teoria, ao contrário do que muitas vezes defendemos que devemos ter uma teoria que fundamente uma prática. A meu ver, essa relação dialógica entre a teoria e a prática se dá numa tensão onde se torna difícil distinguir quem vem antes: o ovo ou a galinha. Se tentarmos entender a relação entre a teoria e a prática de maneira mecanicista seqüencial teremos uma operação matemática com dois resultados possíveis. Afirmaremos que a prática é que fundamenta a teoria, defendida por Freire, ou a teoria é que fundamenta a prática.

No meu entendimento, essa relação *tensional* entre prática e teoria é um resultado indeterminado X. Não há como determinarmos se temos em primeiro lugar a teoria ou se é a prática que esta em primeiro plano: as duas se inter-relacionam. E nisso o próprio método dialético defendido por Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* nos dá fundamentação. A relação entre prática e teoria está fundamentada numa relação dinâmica-dialógica, onde na minha teoria reflete a minha prática e em minha prática reflete minha teoria, não há como dissecarmos. Em diagrama poderíamos representar da seguinte forma:

²¹ FREIRE, 2005. p. 35.



Assim, podemos definir que a teoria está ligada à minha prática como a minha prática à minha teoria. Desse modo, não há como definirmos a relação entre teoria e prática de forma simplista e mecanicista, porque a teoria e a prática excedem a mecanicidade das coisas. Não é uma seqüência lógica com resultado determinado, é o resultado de inter-relação, é uma pericórese.

Mas poderíamos nos perguntar, onde está o papel do discurso, e como resolvemos a divergência entre o discurso e a prática? Agora temos três sujeitos, a teoria, a prática e o discurso? Nessa relação poderemos ter um discurso que não está em coerência com a prática, isso quer dizer que a teoria também não está relacionada com a prática? O discurso é a teoria, ou podemos ter um discurso diferente da teoria? No meu entender, o discurso está relacionado com a teoria, nesse sentido, o discurso é a expressão lingüística da teoria. Portanto, um discurso destoante da prática mostra a incoerência entre sua prática e sua teoria. Nessa relação incoerente, a teoria e a prática são verdadeiras, mas é a prática que possui a verdade, pois é ela que afirma de forma convicta a essência da sua teoria. Por isso, por mais incoerente que seja a relação entre prática e discurso, a prática denunciará a verdadeira teoria com que ela se inter-relaciona. Exemplificando, poderíamos afirmar da seguinte maneira: uma pessoa com um discurso progressista, mas com uma prática conservadora, mostra a essência de sua teoria, através de sua prática, assim a relação incoerente de sua prática com a sua teoria explicita a sua verdadeira teoria, no nosso caso, uma teoria

conservadora. Assim o seu discurso hipócrita é revelado através da prática que mostra sua verdadeira teoria.

Dessa forma, a pedagogia utilizada pelo educador e pela educadora nunca será neutra. Não podemos afirmar muito menos defender uma educação que possua em sua essência a neutralidade, justamente por causa da inter-relação entre a teoria e a prática. O ato de ensinar sempre estará relacionado com a ideologia do educador e da educadora. Por isso, a educação é um ato político e deve ser assumida como tal. A educadora e o educador devem estar cientes de qual é o seu papel como sujeitos políticos e como defensores e defensoras de uma ideologia. Isso condiz com a coerência de sua teoria e sua prática. Ser consciente do seu papel como sujeito da história é ser coerente com sua prática. Estar ciente da sua ação como ato histórico é saber qual é a sua teoria, é saber qual ideologia defende e saber como isso se reflete em sua prática. Por isso, é importante o educador e a educadora serem conscientes de seu papel como sujeitos da história e de sua função como formadores e formadoras de cidadãos e cidadãs. Isso fará a diferença quanto à sua coerência diante da prática e da teoria. Logo, saber-se como defensor e defensora de uma posição é uma atitude ética, pois não estaremos sendo hipócritas, quanto a relação de sua teoria com a sua prática²².

Com a ciência da educadora e do educador como sujeitos da história e defensores e defensoras de uma ideologia fará com que se tenha coerência entre teoria e prática, a consciência da educação como ato político influenciará a linguagem e a leitura do mundo. Isso porque não há como estabelecer uma posição de neutralidade, mesmo quando você está “em cima do muro”, você já tomou uma posição, a de pular para o lado que ganhar. Por isso, no momento em que se faz a leitura do mundo, há a influência da sua decisão ideológica. Essa leitura do mundo é expressa pela linguagem, que manifestará a sua teoria e que será ratificada ou não por sua prática. Nesse sentido, a leitura do mundo está ligada à leitura das

²² FREIRE, 2005, p. 34.

entrelinhas. Essa leitura das entrelinhas, que está carregada de uma influência *a priori* da ideologia, Paulo Freire chama de “manha”²³. Temos que perceber as manhas da linguagem para entendermos de maneira completa as entrelinhas. Essas entrelinhas também manifestarão a ideologia que está por trás do discurso, ou seja, a teoria que é manifestada através do discurso. E a linguagem, além de ser uma expressão verbal do discurso, é a personificação concreta da prática do discurso. Quer dizer, através da linguagem podemos perceber quais são as intenções que estão por trás daquele discurso. A linguagem faz com que expressamos de forma concreta nossa teoria carregada de ideologia.

Isso torna a linguagem um dos meios mais complexos e fantásticos de dominação e de libertação. É através da linguagem que conseguimos expor nossa teoria-prática de forma mais simples e cotidiana, e, por isso, ela possui um poder imenso, tanto para a dominação quanto para a libertação. Aprender a ler o mundo é saber ler as entrelinhas, é entender a linguagem e compreender qual ideologia ela serve, é ter a “manha” de identificar qual a teoria que está se inter-relacionando com a sua prática e saber a quem ela serve, se serve para servir ou serve para dominar.

Conclusão

Agora, pois, é o momento de analisarmos a conexão existente entre o discurso da tolerância e sua prática. O que podemos afirmar com clareza é que o discurso da tolerância deve estar em coerência com a prática tolerante. No entanto, a própria pergunta e busca por tolerância revela a falta de tolerância. Se vivêssemos num mundo sem intolerância não necessitaríamos discutir e reconstruir tal conceito. A discussão torna-se necessária justamente porque há uma incoerência entre o discurso da inclusão da diversidade e a prática da exclusão e do afastamento. Temos práticas segregacionistas que revelam quais são as teorias que estão por trás destas

²³ FREIRE, 2005. p. 37.

práticas. O preconceito ainda impera com muita força em nosso cotidiano. Isso mostra que a teoria discursada é incoerente e a prática revela que a teoria com a qual ela está inter-conectada é sectária e exclusivista.

Desse modo, necessitamos de uma mudança de postura diante da realidade. Devemos buscar uma maior coerência entre nosso discurso e nossa prática. Temos que buscar em pequenos atos cotidianos a expressão da tolerância. Nesse sentido, a linguagem já é um bom começo, assumindo o emprego de linguagem inclusiva, por exemplo, visto que a linguagem é mais um dos meios de dominação vigentes e não nos damos conta disso. Necessitamos tomar uma postura, assumir de qual lado estamos jogando. Temos que mostrar toda nossa raiva e indignação diante de idéias sectárias que eximem o direito à diversidade e, principalmente, temos que ser tolerantes frente às idéias diferentes e como sujeitos da história temos que buscar um mundo mais humano e mais esperançoso.